

LAPA DO FREIO - GROTTE DU FREIO

Primeiro contacto - Premier contact

Jean François PERRET

A seis horas no caminho, familiarizamos-nos com as estradas brasileiras, com sua retidão quase infinita, com as travessias de povoados pontilhados com quebra-molas, com os postos de gasolina, com os buracos. As curvas, raríssimas, são feitas em alta velocidade; estamos ansiosos, queremos ver "o maciço", lugar cobiçado já há dois anos; nossa ansiedade é grande. O motor da Kombi gira na potência máxima. Nos próximos dias, esse veículo vai revelar-se um companheiro ideal, sólido, corajoso. Os primeiros blocos de calcário preto aguçam a nossa curiosidade. Vasculhamos a paisagem, mas aqui, nada de paredão, nada de lapiaz, apenas alguns afloramentos da rocha...

Chegando à pequena cidade de Posse, paramos para comprar pão. Na padaria, surpreendemo-nos ao descobrir que o tão desejado pão é chamado de "francês"; são pãezinhos que vão nos saciar durante toda a expedição. Terminada a parada, deparamos com uma novidade. A pista de terra entra no teatro da viagem. Faz-se a troca do ator principal, "o motorista da Kombi". Patrick concentra-se, segura firmemente o volante, os olhos cravados na pista de terra vermelha; progredimos rapidamente, as nuvens de poeira fazem sua aparição, os primeiros cruzamentos duvidosos de veículos também. O nosso piloto enxerga uma curva fechada, a vontade é forte de cortá-la, nenhuma nuvem no horizonte. No último momento, a razão predomina, ele conserva a direita; maravilhosa razão, pois um velho ônibus cansado está à nossa frente; tiramos um fôlego: com suas toneladas de ferro velho contra os nossos poucos quilos, o jogo estaria perdido de antemão. Uma hora acaba de transcorrer desde a saída do povoado; a paisagem muda. Aí! um paredão, é calcário, enfim, estamos no nosso campo de jogo. Avistamos um barraco na beira da pista, é um barzinho; as gargantas secas pedem socorro, nosso motorista aceita parar sem dificuldades, com facilidade, até.

En route depuis six heures, nous faisons connaissance avec les routes brésiliennes, leur rectitude presque infinie, leurs traversées de villages, ponctuées de ralentisseurs, leurs stations-services, leurs nids de poules. Les virages, extrêmement rares, sont négociés à vive allure, nous sommes impatients, nous voulons voir « Le Massif », lieu convoité depuis maintenant deux ans ; notre désir est grand. Le moteur du « Kombi » tourne à puissance maximum. Ce véhicule se révélera par la suite un compagnon idéal, robuste, courageux. Les premiers blocs de calcaire noir affûtent notre curiosité. Le paysage est scruté minutieusement, mais ici, nulle grande falaise, aucun lapiaz, seulement quelques affleurements de la roche...

Arrivés dans la petite ville de « Posse », nous effectuons une halte pour acheter du pain. Dans la boulangerie, nous avons la surprise de découvrir que le pain désiré s'appelle « pain français ». Ce sont de petites miches qui nous combleront pendant toute l'expédition. La halte terminée, nous abordons une nouveauté. La piste fait son entrée dans le théâtre du voyage. L'acteur principal, le chauffeur du Kombi, change. Patrick se concentre, le volant fermement tenu, les yeux rivés sur la piste de terre rouge. Nous progressons rapidement, les panaches de poussière font leur apparition, les premiers croisements douteux de véhicules aussi. Un virage prononcé est repéré par notre pilote, l'envie est grande pour lui de le négocier à la corde, aucun nuage à l'horizon. Au dernier moment la raison l'emporte, il reste sur sa droite. Merveilleuse raison, un vieux car essoufflé nous fait front, ça passe de justesse : ses tonnes de ferrailles contre nos kilos, la partie était perdue d'avance. Une heure vient de s'écouler depuis le départ du village, le paysage change. Là ! une falaise, du calcaire, délivrance, nous sommes sur notre terrain de jeu. Une baraque est repérée sur le bord de la piste, c'est un petit bar, les gorges sèches demandent grâce, notre chauffeur s'incline sans difficulté voire même avec facilité.

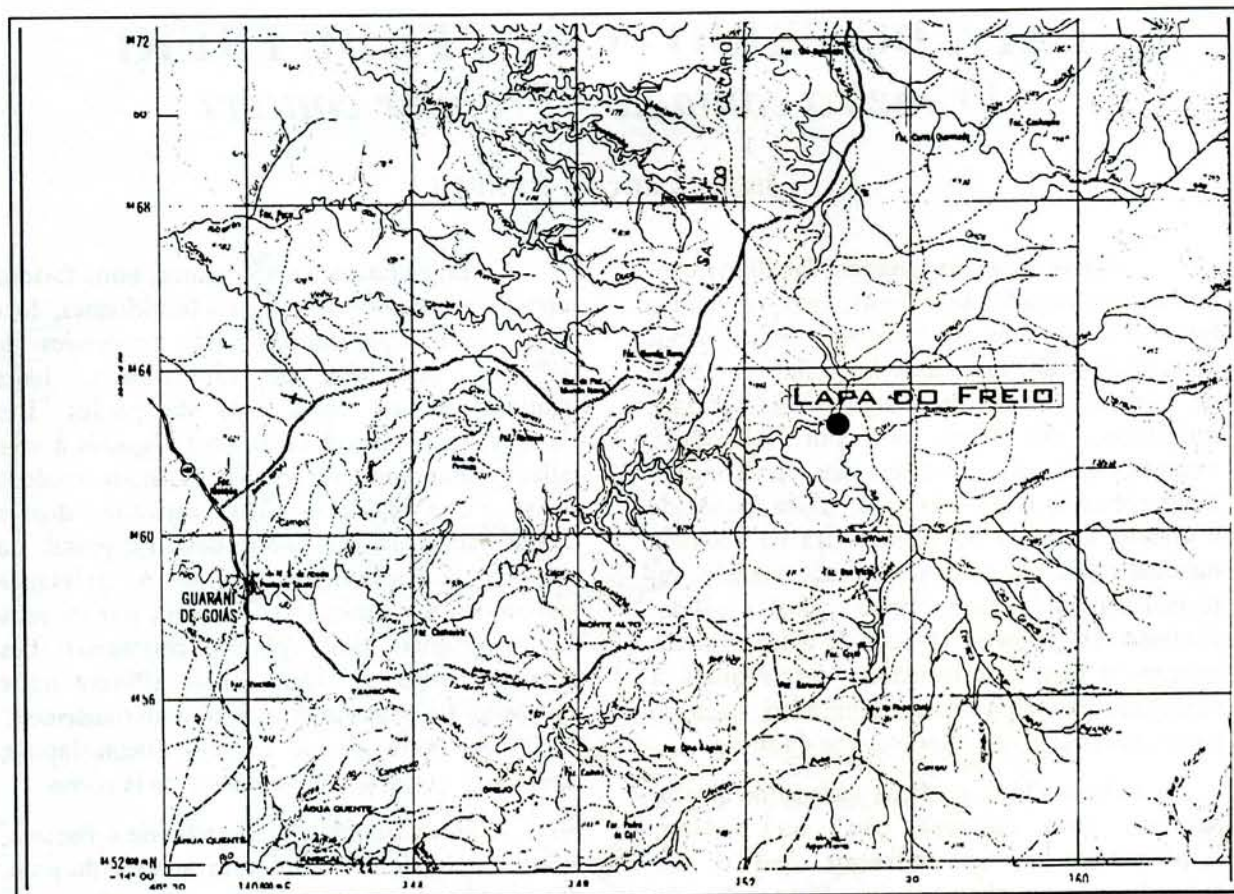


Fig. 27 : Mapa de localização da Lapa do Freio / Carte de Localisation de la Grotte du Freio.

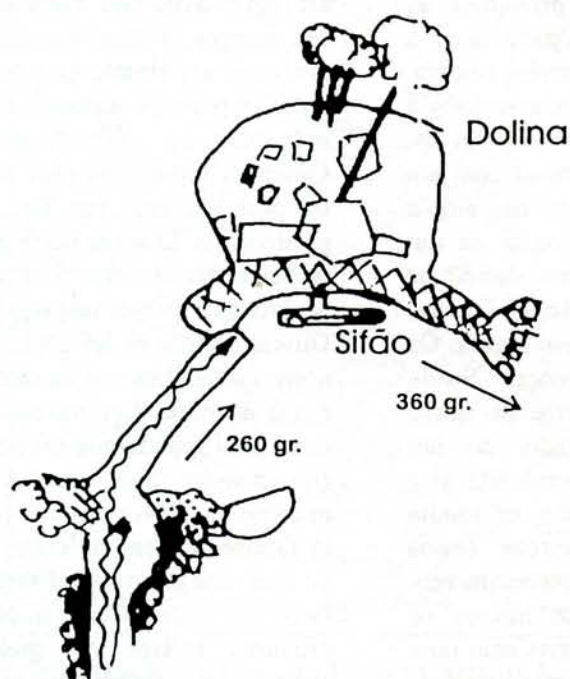
O espetáculo é estonteante, a casa, com paredes de barro, coberta de telhas toscas, fica a alguns metros de uma imensa e esplêndida árvore; os nossos veículos estão estacionados em baixo. Ao lado da construção, uma varanda protege uma mesa de sinuca. Na frente, há um cavalo selado, à sombra de uma pequena árvore. O cenário é digno dos banguês hollywoodianos, mas não há câmera, estamos sem dúvida à realidade. Penetramos nesse santuário de paz, e pedimos a "bière", traduza como cerveja. Os espíritos estão preparados, o calcário está ali, queremos cavidades. O dono do bar e os fregueses são submetidos a um sutil interrogatório. Depois de abrir uma nova garrafa, oferece-se um trago; um peão, feliz com o gesto, começa um relato: muito rapidamente, a assembleia capaz de entendê-lo está atenta. Ele fala de um rio que penetra na montanha e sai mais adiante, -O que?, -Como?, -Quanto?, -Longe?... O coitado é assaltado por perguntas, parece que vai se aborrecer.

Le spectacle est saisissant, la maison, aux murs de briques de terre cuites, recouverte de tuiles sommaires est à quelques mètres d'un arbre immense et splendide, à l'ombre duquel nous garons nos véhicules. Sur le côté de la bâtisse, une terrasse couverte abrite un billard. Devant, un cheval sellé est là, à l'ombre d'un petit arbre. Le cadre est digne des westerns hollywoodiens, mais nulle caméra, nous sommes bien dans la réalité. Nous pénétrons dans ce havre de paix, et commandons la « cerveja », traduisez la bière. Les esprits sont échauffés, le calcaire est là, nous voulons des cavités. Le barman et ses hôtes sont soumis à un subtil interrogatoire. Après l'ouverture d'une nouvelle bouteille, un verre est offert, un paysan heureux de cette intention commence un récit : très vite l'assemblée capable de le comprendre est captivée. Il parle de rivière qui pénètre dans la montagne, et ressort plus loin : Quoi ? Comment ? Combien ? Loin ?... Le pauvre homme est assailli de questions, c'en est trop : il se fâche.

Não, pelo contrário, pede para que o sigamos; monta no cavalo selado à frente da porta. A galope, uns dez metros à frente dos nossos carros, o guia abre o caminho da nossa primeira descoberta. Após cerca de sete quilômetros, chegamos em frente à sua casa; as árvores, as ferramentas que o cercam, nos atraem, com a sua permissão, provamos as laranjas e ele nos mostra o pilão para socar a mandioca. A recepção é simples, porém sincera. Deixamos o lugar, o nosso capataz abandona a montaria e cavalga no banco de um dos carros. Alguns quilômetros adiante, uma cerca com um portão trancado interrompe a viagem. Segundo o nosso guia, o sumidouro fica a cerca de um quilômetro. Estacionados os veículos, decidimos mandar uma equipe na frente; Patrick, Olivier, André e Jef são voluntários e seguem o guia. Os outros decidem preparar o almoço. Sendo maiores do que os nossos os metros do nosso nativo, andamos sem dúvida mais de um quilômetro, mas pouco importa, o rio está aí e de fato penetra no paredão. Uma olhadinha rápida para os arredores, uma certeza: temos que entrar na água e fazer um reconhecimento. Vamos fazer os nossos primeiros metros de espeleologia brasileira vestidos apenas com uma cueca e convidamos o caboclo a juntar-se a nós. Naquele momento, acho que ele acreditou que fossemos loucos, sobretudo quando decidi entrar na água. Segundo minhas estimativas, a cor do rio indicava uma profundidade suficiente para pular; estávamos num barranco a cerca de um metro e cinquenta acima da água. Resolvo pular e fico atolado na areia com apenas cinquenta centímetros de água. Risos nada reprimidos dos meus companheiros. Foi então que ele realmente me achou louco. É, portanto, com uma equipe de quatro pessoas apenas que começamos a exploração do sumidouro. A correnteza é forte, a quantidade de troncos na margem indica a importância das enchentes. Depois de uns quinze metros esbarramos num sifão. Por falta de luz, um conduto à direita é rapidamente explorado, parece não haver continuidade. Voltamos para o sifão e, dessa vez, seguimos para a esquerda mas, o que está acontecendo? Um homem está nos seguindo, não muito à vontade; à contra-luz identificamos o nosso guia; ele criou coragem ou, simplesmente, ficou louco também.

Non, pas du tout, au contraire, il nous demande de le suivre et enfourche le cheval devant le bistrot. A une dizaine de mètres devant nos véhicules, son cheval au galop, il ouvre la voie de notre première découverte. Après sept kilomètres environ, nous sommes devant sa ferme. Les arbres, les outils, qui l'entourent nous attirent ; avec son autorisation, nous gouttons ses oranges, il nous montre son pilon à manioc. L'accueil est simple et sincère. Nous repartons, notre exploitant agricole laisse sa monture, et enfourche le siège d'un de nos véhicules. Quelques kilomètres plus loin, une clôture avec un portail fermé par un cadenas arrête notre progression. D'après notre guide la perte serait à un kilomètre environ. Les véhicules garés, nous décidons d'envoyer une équipe en avant. Patrick, Olivier, André et Jef sont volontaires et suivent notre guide. Les autres décident de préparer le repas de midi. Les mètres de notre autochtone étant plus grands que les nôtres, nous marchons certainement plus d'un kilomètre, mais peu importe, la rivière est là et elle pénètre bien dans la falaise. Un rapide coup d'oeil aux alentours du site, une certitude, il faut se mettre à l'eau et faire une reconnaissance. Nous allons faire nos premiers mètres de spéléologie brésilienne, revêtus uniquement d'un slip. Nous invitons le paysan à se joindre à nous. A cet instant, je pense qu'il nous prend pour des fous, surtout quant je décide de me mettre à l'eau. La couleur de la rivière indique à mon avis une profondeur suffisante pour sauter, nous sommes sur une berge à environ un mètre cinquante au dessus du cours d'eau. Je décide de sauter et me retrouve ensablé avec seulement cinquante centimètres d'eau. Rire non étouffé de mes camarades. Et là, c'est certain, il me prend pour un fou. C'est donc à quatre que nous commençons l'exploration de cette perte. Le courant est puissant, la quantité de troncs sur la berge indique des mises en charge importantes. Après une quinzaine de mètres, nous butons sur un siphon. Par manque de lumière, un conduit sur la droite est rapidement exploré, à priori sans suite possible. Nous revenons vers le siphon et prenons à gauche cette fois. Mais que se passe-t-il ? Un homme nous suit maladroitement. A contre jour, nous identifions notre guide. Il s'est enhardi ou simplement, il est devenu fou lui aussi.

LAPA DO FREIO



Sumidouro do Córrego Sumidor

GOIÁS 94

GBPE-GRECEO-GSBM



Croqui de exploração / Croquis d'exploration (Isabelle OBSTANCIAS)

Fig. 28 : Croqui de exploração da Lapa do Freio / Croquis d'exploration de la Grotte du Freio.

Nas proximidades do sifão, escalamos um emaranhado de madeira, no fundo de um poço que deixa penetrar a luz. A progressão pelos troncos não é muito agradável, pois, a água, esverdeada e apodrecida encontra-se estagnada debaixo deste solo vegetal. Ainda é possível andar alguns metros descalços e sem iluminação. Adivinhamos a entrada de uma galeria, mas sem muita certeza. Resolvemos voltar; o resto deve ser explorado segundo as regras, ou, pelo menos, com o material adequado. A saída é efetuada com um pouco de esforço para vencer a correnteza na entrada do sumidouro. Vestimos um traje correto e juntamo-nos aos nossos companheiros em pleno almoço. Um rápido relato para informá-los da descoberta e os mais rápidos vão se equipando dando pulos de alegria. Beliscamos a comida, pois a fome sempre some um pouco frente ao apelo da "primeira". Nosso guia abre com destreza dois ou três cocos cuja água saboreamos. Um dos espeleólogos franceses, querendo imitá-lo, provavelmente ainda estaria lá tentando sem sucesso abrir aquela casca dura, se a gula não lhe desse novas habilidades. Com a ajuda de vários companheiros, consegue um resultado quase definitivo, apesar de a maior parte da água do coco derramar-se pelo chão; como diz o provérbio, é tentando que se consegue.

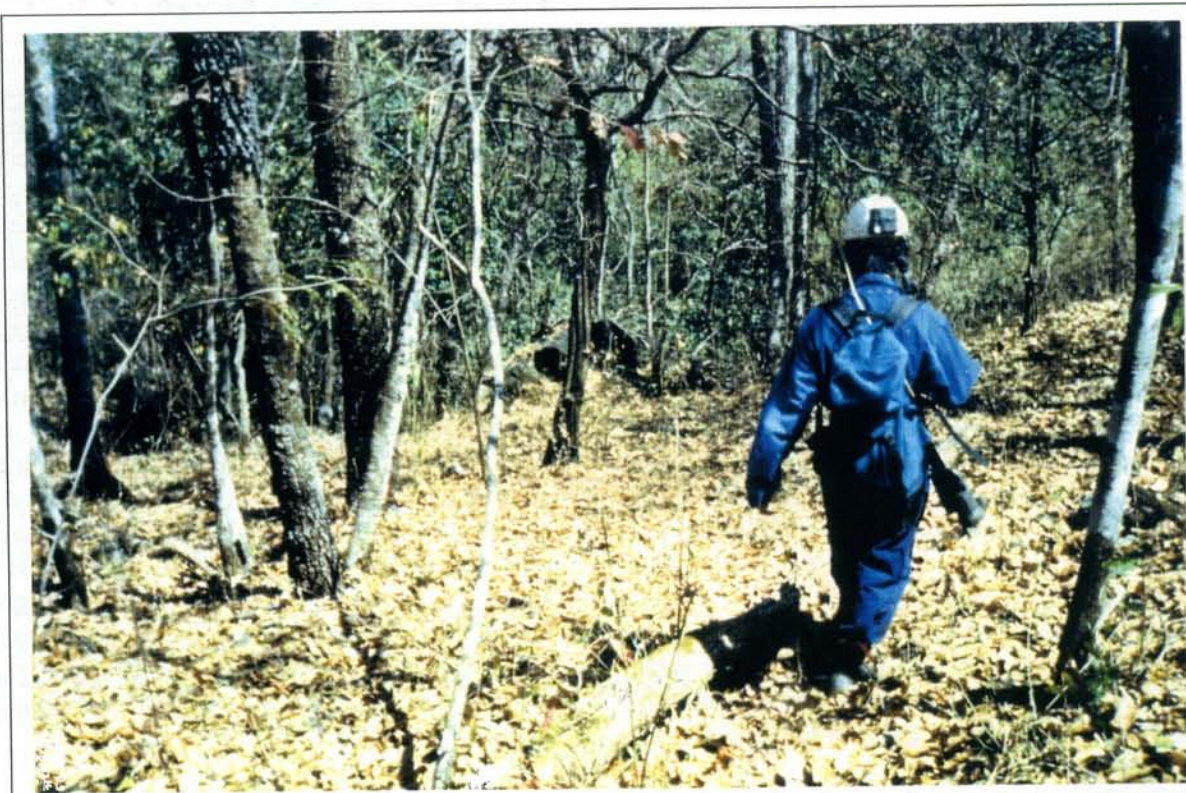
Enfim, prontos para enfrentar as negras galerias, retomamos o caminho do sumidouro. O guia já está cansado e resolve esperar-nos em casa. Chegamos à entrada. Preparamos a iluminação, verificamos o material e o sinal da partida é dado pelo mais impaciente; penetramos na cavidade. Dessa vez, com a iluminação, as coisas são diferentes; revê-se a galeria da direita, uma pequena escalada não traz nada de novo. Para a esquerda, retoma-se a escalada no emaranhado de madeira, mas a galeria pressentida fecha-se após alguns metros. Decepcionados, procuramos por todo lado. Num dos lados, um desmoronamento é explorado por Jean-Loup. Resolvo segui-lo e após alguns trechos estreitos entre grandes blocos saímos num salão. Sem ser imenso, ele mede cerca de vinte metros por dez e é nosso primeiro salão descoberto no Brasil. Cada canto é revistado, todos os buracos visitados, não há continuação, o término está aí.

A proximidade do sifão, um enchevêtramento de bois est escaladé, sous un gouffre qui laisse pénétrer la lumière. La progression dans les troncs n'est pas très sympathique ; l'eau, glauque et putride, stagne sous ce sol végétal en décomposition. Quelques mètres sont encore possibles pieds nus et sans éclairage. Un départ de galerie est deviné mais sans certitude. Nous décidons de faire demi-tour, la suite doit être explorée dans les règles de l'art ou tout du moins avec le matériel adéquat. La sortie s'effectue avec simplement un peu de peine pour vaincre le courant à l'entrée de la perte. Nous reprenons une tenue vestimentaire correcte et rejoignons nos camarades en plein repas. Un rapide exposé les informe de la découverte, les plus avides sautent sur place tout en s'équipant. Nous grignotons : la faim disparaît toujours un peu devant l'appel de la première. Notre guide nous ouvre avec adresse deux ou trois noix de coco au jus fortement apprécié. Un spéléologue français voulant imiter son savoir faire, serait sans doute toujours là-bas en essayant vainement d'ouvrir cette dure carapace, mais la faim mérite les moyens et à plusieurs le résultat est presque concluant sauf peut-être pour le jus en grande partie renversé sur le sol, comme dit le proverbe « c'est en forgeant que l'on devient forgeron ».

Enfin prêts pour affronter les noires galeries, nous reprenons le chemin emprunté quelques minutes plus tôt. Notre guide pense en avoir assez vu et décide de nous attendre chez lui. Le chemin rapidement parcouru, nous arrivons à l'entrée. Nous préparons notre éclairage, ajustons nos équipements. Le départ est donné par le plus impatient. Nous pénétrons dans la cavité. Cette fois, avec notre éclairage, les choses sont différentes, la galerie de droite est revue, une petite escalade n'apportera rien de plus. A gauche, la progression reprend sur l'enchevêtrement de bois, la galerie pressentie s'arrête au bout de quelques mètres. Déçus, nous cherchons tous azimuts. Un éboulis sur le côté est exploré par Jean Loup. Je décide de le suivre ; après quelques étroitures entre de gros blocs, nous débouchons dans une petite salle. Sans être immense, elle mesure environ vingt mètres par dix, c'est notre première salle découverte au Brésil.



Fotos / Photos 22 & 23 : Procurando as cavernas na Serra do Calcário
A la recherche des cavernes sur la Serra do Calcário [Guilherme Vendramini].



A temperatura elevada e a ausência de vento confirmam nossa opinião; retrocedemos e vamos ao encontro dos outros. Quanto isso, divididos em grupos, nossos companheiros exploram os arredores da entrada ou o maciço acima dela. Armado com um facão, luto contra a vegetação. Meu objetivo é encontrar um eventual acesso pelo platô. Esse primeiro contato com a flora local é algo angustiante e olho minuciosamente onde coloco os pés e as mãos. Não poupo cuidados, abrindo caminho lentamente. Uma barra de paredão interrompe a minha progressão; devo contorná-la. Após uma centena de metros, avisto uma passagem fácil de escalar, três ou quatro metros separam-me do topo e, sem maiores problemas, encontro-me no platô. A vegetação está menos densa, aqui e acolá blocos de calcário obrigam-me a fazer desvios. Após mais de uma hora, mudo de direção para reencontrar a entrada e meus amigos. A natureza, caprichosa, resolve contrariar-me: um magnífico cânion corta a retirada. Estou a uma centena de metros acima de um rio, sem possibilidade de descer, e faço mais um desvio. Vou rio abaixo, na esperança de que as falésias me deixarão aproximar desse curso de água. Quanto mais próximo da água eu descer, mais intensa se faz a luta contra o inimigo verde: corto, empurro, xingo, meu facão não descansa. Um gesto mal controlado e a lâmina de aço escorrega num tronco, desvia, encontra o meu joelho esquerdo no percurso. Dor, inspeção imediata da zona, o macacão não agüentou o tranco, um magnífico hematoma está aparecendo, o facão estava cego e a espessura do macacão amorteceu o golpe. Mancando, retomo a jornada. Enfim, com os pés na água, subo contra a corrente durante um quilômetro. Avisto algumas entradas nas falésias. Uma cachoeirinha faz-me parar alguns instantes; é rapidamente contornada, cinquenta metros rio acima atravesso o leito. Pertinho dali, a temperatura da água muda bruscamente; no pé do paredão um redemoinho indica uma ressurgência, constato tratar-se de uma água mais quente, é sem dúvida da ressurgência do sumidouro que exploramos. Recomeço a subir o rio quando surge na minha frente o meu amigo Jean-Loup, seguido por alguns amigos a escalada torna-se possível. Olivier e Stéphan dão os passos necessários e sobem o meandro.

La température élevée et l'absence de courant d'air confirment notre jugement, nous rebroussons chemin et rejoignons les autres. Pendant ce temps, divisés en plusieurs groupes, nos camarades explorent les abords de l'entrée ou le massif au dessus. Chercher un éventuel accès par le plateau est mon but. Ce premier contact avec la flore locale est légèrement stressant, je regarde minutieusement où je pose les pieds, les mains, je ne ménage pas ma peine, lentement je me fraie un passage. Une barre de falaise stoppe ma progression, je dois la contourner. Après une centaine de mètres, je remarque un passage pouvant être facilement grimpé, trois ou quatre mètres me séparent du haut, et sans grand problème, je me retrouve sur le plateau. La végétation est moins dense, des blocs de calcaire ça et là m'obligent à effectuer des détours. Au bout d'une bonne heure, je change de direction pour retrouver l'entrée et mes amis. La nature capricieuse en décide autrement, un magnifique canyon coupe la retraite imaginée. Je suis à une centaine de mètres au-dessus d'une rivière sans possibilité de descente, encore un détour à effectuer. Je pars vers l'aval en espérant que les falaises me laisseront approcher ce cours d'eau. Plus je descends près de l'eau et plus la lutte augmente avec mon ennemi vert : je tranche, je pousse, je peste, mon « facão » ne chôme pas. Un geste mal contrôlé et la lame d'acier glisse sur un tronç ; déviée, elle rencontre mon genou gauche sur son parcours. Douleur, regard immédiat sur la zone, la combinaison n'a pas supporté le traitement, j'inspecte le genou, un superbe hématome est là, le tranchant du « facão » étant émoussé, l'épaisseur de la combinaison a amorti le coup. Enfin les pieds dans l'eau, je remonte le courant, pendant un kilomètre. Je repère quelques entrées dans les falaises. Une petite cascade m'arrête quelques instants, elle est vite contournée. Cinquante mètres en amont, je traverse la rivière. Tout près, la température de l'eau change brusquement ; au pied de la falaise un remous indique une résurgence, je constate que c'est une eau plus chaude, il s'agit sans doute de la résurgence de la perte précédemment explorée. Je reprends la remontée de la rivière lorsque devant moi surgit mon ami Jean-Loup suivi de quelques compagnons. L'escalade devient possible.

Progridem por uns trinta metros, sem corrente de ar; o conduto vai estreitando-se; dão meia-volta. Juntos decidimos retomar o caminho da volta. Essa cavidade, de modestas descobertas, terá finalmente servido como preparo e aclimação ao meio espeleológico local. Tomamos o rumo de Terra Ronca, objetivo da nossa viagem de reconhecimento. Trinta minutos de pista levam-nos à sua boca majestosa. Aqui o sol nasce às seis e se põe às seis, aproveitamos, portanto, os poucos minutos de dia que nos restam para montar o bivaque. Essa noite ficaremos conhecendo um inimigo, o carrapato, um bicho particularmente grudante, e uma amiga, a caipirinha, um coquetel à base de cachaça, limão espremido e açúcar, excelente sonífero. Amanhã será um grande dia....

Olivier et Stéphan effectuent les pas nécessaires et accèdent au méandre. Ils progressent pendant une trentaine de mètres sans courant d'air, le conduit se rétrécissant, ils font demi-tour. Regroupés, nous décidons de prendre le chemin du retour. Cette cavité aux découvertes modestes sera finalement une mise en condition et une acclimatation au milieu spéléologique local. La direction de Terra Ronca, but de notre reconnaissance, est prise. Trente minutes de piste nous amènent devant son majestueux porche. Ici le soleil se lève à six heures et se couche à dix huit heures, nous profitons donc des quelques minutes de jour restantes pour établir notre bivouac. Durant cette soirée, nous allons faire connaissance avec un ennemi, le « carrapato », une tique particulièrement accrocheuse et une amie, la « caipirinha », un cocktail à base d'alcool de canne et de citron vert pilé et sucré, excellente décoction pour le sommeil. Demain sera un grand jour...

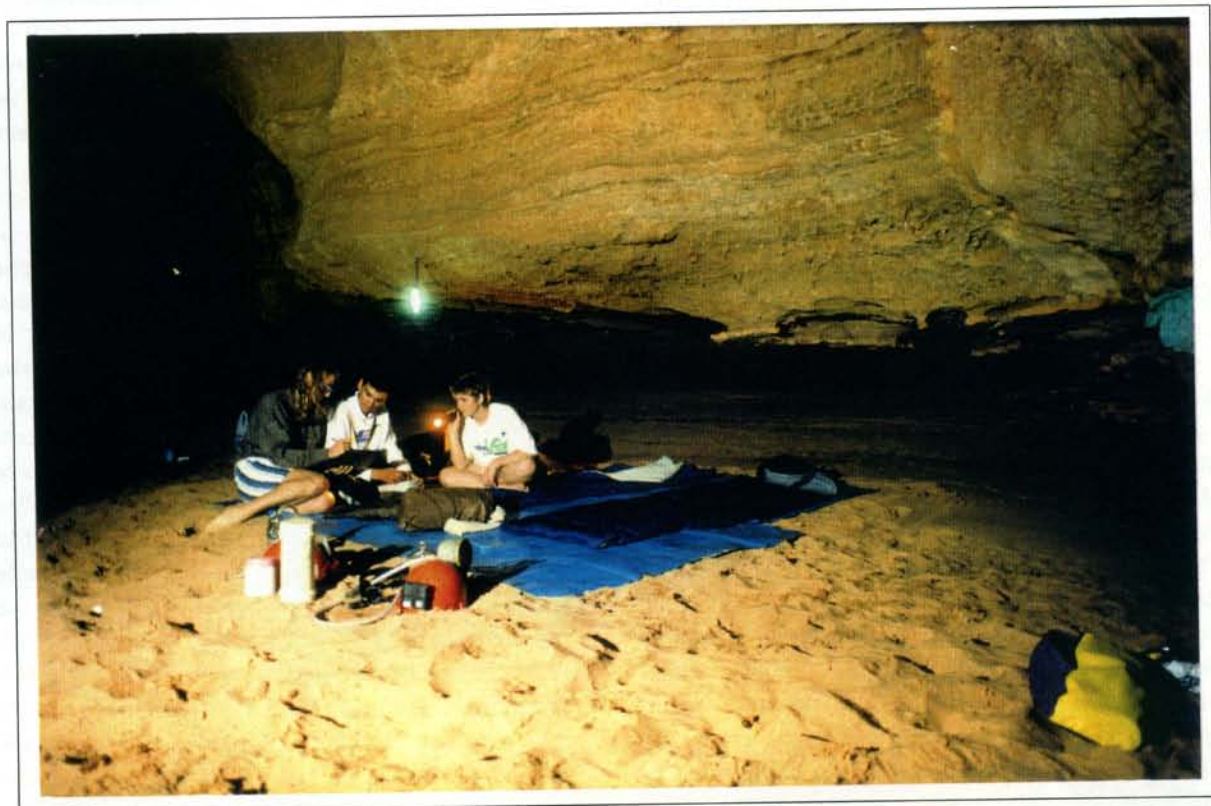


Foto / Photo 24 : Acampamento na Lapa de São Bernardo II / Bivouac à São Bernardo II [Guilherme Vendramini].